



# EBRAPEM027

Encontro Brasileiro de Estudantes de Pós-Graduação em Educação Matemática



## SOMOS TODOS REPRESENTADOS NAS IMAGENS DOS LIVROS DIDÁTICOS DE MATEMÁTICA?

Autor<sup>1</sup> Rivison soares de Souza Lima

GD n° - 13

**Resumo:** Este Os livros didáticos continuam sendo um dos instrumentos mais utilizados em sala de aula para o ensino de matemática, com importância, fundamental para alguns/mas professores/as no auxílio a aprendizagem dos/as estudantes. Através dos livros didáticos e suas imagens *narrativas* analisaremos as representações de gêneros. Embora as discussões sobre esse assunto no campo da educação matemática não sejam novas, o que é novo é a importância de trabalhá-lo nas aulas de matemática com o propósito de combater o preconceito e a intolerância. Dessa forma, esta pesquisa objetiva-se discutir como as imagens (e) narrativas dos gêneros reproduzidos nas ilustrações dos livros didáticos de matemática, podem ser trabalhadas por professores/as. Como suporte teórico fundamenta-se em estudos feitos que discutem a questão de gênero, sexualidade, livros didáticos de matemática e suas imagens (imagens *narrativas*), heterossexualidade como regime político e compulsório. Para tanto, metodologicamente, esse estudo tem um cunho qualitativo e é fundamentado em uma pesquisa com o grupo de cinco professores de matemática, que atuam nos anos finais do Ensino Fundamental, e que se assumem homens gays. Para a produção de dados, utilizar-se-á de entrevistas semiestruturadas, tomando-se por base de discussão os livros didáticos utilizados pelo professor em questão. Propõe-se, ainda, como produto educacional, um guia didático, que atenda às necessidades e expectativas apontadas pelos participantes da pesquisa, oferecendo dessa forma, diferentes possibilidades de abordagem da temática em salas de aulas de matemática.

**Palavras-chave:** Estereótipos de gênero. Livros Didáticos. Ilustrações. Imagens (e) narrativas. Professores gays.

### POR UMA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA PARA A PAZ

Considerando que o livro didático é usado por Professores durante toda a Educação Básica, e que nele contém ilustrações que podem estar incluídas mensagens que não auxiliam na construção e enfrentamento de um problema social e políticas contemporânea na inclusão de outros gêneros que não sejam o masculino e o feminino, podem promover a exclusão dos estudantes que não se veem representados. Então uma ferramenta que possibilita na diminuição do preconceito e da intolerância, será a inclusão de gêneros além do masculino e o feminino nas ilustrações dos livros didáticos de matemática, como forma de informar e tornar-se comum através da visibilidade no combate ao preconceito. A partir de então, toda pessoa pertencente àquele grupo alvo, por generalização, carrega as marcas estereotipadas pelo grupo hegemônico.

---

<sup>1</sup> Instituto Federal do Espírito Santo – IFES; Educimat; [rivisonslima@hotmail.com](mailto:rivisonslima@hotmail.com), Orientador: Prof. Dr. Edmar Reis Thiengo; Co- Orientador: Prof. Dr. Janivaldo Pacheco Cordeiro.

Os estereótipos de gênero é uma categoria importante quando se fala de preconceito, da mesma forma, é fundamental que se trabalhe tais problemas em suas raízes. O combate às opressões é uma atividade complexa e para o êxito desta, há que se trabalhar o problema pela raiz, sendo a escola um elemento importante nesse processo ao trabalharem o que para (LOURO, 2020, p. 65) por um aprendizado eficaz, continuado e sutil, um ritmo, uma cadência, uma disposição física, uma postura parecem penetrar nos sujeitos, ao mesmo tempo que esses reagem e, envolvidos por tais dispositivos e práticas constituem suas identidades “escolarizadas”.

### ***Do problema aos objetivos da pesquisa***

Os livros didáticos em seu interior serão analisados suas imagens que carregam narrativas relacionadas a identidades de gênero trazidas pelos professores. Assim pensando, buscamos com a presente proposta, responder a seguinte questão problema: Como as *imagensnarrativas* dos gêneros reproduzidos nas ilustrações dos livros didáticos de matemática, podem ser trabalhadas por professores/as em sala de aula? Para alguns docentes as imagens são inseridas nos livros com a intencionalidade de ilustrar o que está sendo proposto, não havendo uma maior pretensão. Então, são essas imagens ou ilustrações, que queremos analisá-las. São para elas que voltaremos nossos olhares! Onde analisaremos as imagens, procurando compreender como os gêneros são representados (ou a falta de representação) em cenários diversos. Portanto, na tentativa de entender esse contexto representado entre os gêneros nos livros didáticos de matemáticas, temos como objetivo geral da presente proposta de pesquisa: Dessa forma, esta pesquisa objetiva-se discutir como as *imagensnarrativas* dos gêneros reproduzidos nas ilustrações dos livros didáticos de matemática, podem ser trabalhadas por professores/as em sala de aula. Para atender ao objetivo geral proposto, de forma mais específica buscamos considerar que o livro didático é usado por professores durante toda a Educação Básica, e que nele contém ilustrações que podem estar incluídas mensagens (imagens narrativas) que não auxiliam na construção e enfrentamento de um problema social e políticas contemporâneas na inclusão de outros gêneros que não sejam o masculino e o feminino, suas sexualidades e as (des)igualdades binárias. Sendo assim, temos como objetivos específicos:

- Verificar/enteder como os professores pesquisados se veem representados nas ilustrações dos livros didáticos.
- Compreender como os professores de matemática exploram as imagens contidas nos



livros didáticos, com relação a identidade de gênero.

- Debater sobre possíveis abordagens em sala de aula, relacionadas o tema, a partir dos estereótipos apresentados nos livros didáticos.
- Elaborar um guia didático, com ilustrações dos livros didáticos de matemática trazendo diferentes perspectivas para trabalhar a matemática de forma inclusiva.

Espera-se que o desenvolvimento dos três primeiros objetivos específicos, proporcione, um guia didático com diferentes olhares e possibilidades de se explorar as imagens de gênero presentes nos livros didáticos de matemática, de forma a abarcar as diversidades existentes, colaborando dessa forma, para um olhar que respeite e acolha as diferenças.

### ***Por que livro didático de matemática?***

O livro didático tem se constituído ao longo da história como importante recurso no processo de ensino, e no Brasil, distribuído nas escolas públicas de forma gratuita. São elaborados por autores/as, que possuem um prestígio no meio acadêmico, e ao término da elaboração, serão analisados por outros/as profissionais que os revisarão aprovando-os e disponibilizando para serem escolhidos por professores da sua disciplina. Para que possamos iniciar uma transformação, ainda que pequena, nos professores que olham para a matemática como uma disciplina superior às demais, tendo um status de verdade inquestionável, traremos a componente curricular para um lugar onde ela exerça um papel social saindo da neutralidade, contribuindo para uma formação de valores na construção de pessoas. Assim refletindo, é preciso pensar a matemática na formação do estudante, considerando o professor de matemática enquanto educador que prima pela ética, que D’Ambrósio (1996) chama de “*ética da diversidade*”, destacando que esta tem por premissa:

**Respeito** pelo outro com todas as suas diferenças;

**Solidariedade** com o outro na satisfação de necessidades de sobrevivência e de transcendência;

**Cooperação** com o outro na preservação do patrimônio natural e cultural comum (D’AMBROSIO, 1996, p. 120, grifos do autor).

Portanto, a matemática que pensamos é aquela para além do ensino formal de determinado conteúdo, com mera transmissão deste para ser trabalhado. A matemática, na lógica defendida por D’Ambrosio (1996) pensa no indivíduo enquanto ser de sua própria história de



vida, em que deve contribuir para que este esteja em paz consigo mesmo e por consequência, com todos que estão à sua volta, contribuindo para a realidade em que estamos inseridos.

### ***Justificativa***

As imagens trazidas nos Livros Didáticos de Matemática trazem com ela uma mensagem subjetiva, mas pouco exploradas pelos professores, que as veem apenas como uma extensão de enunciados ou riquezas para as obras. Sendo pouco exploradas, seja pela falta de conhecimento, que não analisam através de um olhar mais inquieto por parte dos professores, que as associam em muitos casos como uma extensão dos enunciados. O fato é que as imagens são uma forma de transmitir conhecimentos, informações e podem reforçar ideias e comportamentos, em quem as veem e as manipulam, valorizando-as pelas riquezas das cores, dos traços bem-feitos, dá ligação entre elas e o texto. Seguindo a necessidade desse estudo dos estereótipos de gêneros reproduzidos nas imagens dos livros didáticos de matemática é a não utilização de gêneros que extrapole a dicotomia do masculino e feminino, nos arranjos familiares das ilustrações, que se baseiam em uma formação tradicional composta por gêneros opostos, não trazendo novas configurações familiares existentes, suas sexualidades e as (des)igualdades binárias. Assim, sustentar a ideia de que nas ilustrações apresentadas nos livros didáticos usados pelos professores, não existam famílias constituídas por gêneros iguais, é ferir as formas de configurações familiares imposto pela heterossexualidade como regime político que articula a Nação. E os cenários de investigação dessa superioridade são vários! Procuraremos observar como os gêneros veem representados nos lares, nos empregos, nos esportes, nas brincadeiras, nos estudos e em outros que acharmos relevantes, para uma compreensão dessa diferença.

## **REVISÃO DE LITERATURA**

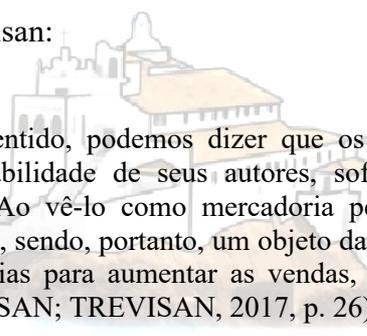
O presente capítulo está organizado em duas partes. A primeira resulta de buscas ao Banco de Teses e Dissertações da Capes, pelo interesse em pesquisas do cenário nacional, visto que se busca na presente pesquisa, reflexões em torno de livros didáticos de matemática utilizados no ensino fundamental do Brasil. A Segunda parte é composta por artigos, e optou-se por sua realização em função dos resultados encontrados na primeira parte, nesse sentido, contamos com o auxílio da planilha Buscad (MANSUR; ALTOÉ, 2021). Ao reunir resultados interpreta-se sob novos olhares, influenciados por outras bases teóricas, portanto novos caminhos são definidos para a presente pesquisa, dadas as influências que as pesquisas



concluídas exercem sobre as que se encontram em andamento, sendo, portanto, uma tomada de contas do que já foi publicado referente ao estudo. Dessa maneira, revisitamos as investigações com a intenção de identificar pesquisas que dialogam com este estudo em andamento, para a partir destas verificar as aproximações ou distanciamentos com nossa pesquisa, possibilitando avanços, estabelecendo outras conexões e debates, favorecendo estudos futuros.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Traremos leituras que sustentam e fundamentam nosso trabalho, tendo diferentes olhares sobre três eixos principais: o livro didático de matemática, as imagens contidas e as questões de gêneros trazidas nas imagens, de maneira com que a manipulação deles nos leva a construção dessa pesquisa. Os livros didáticos para muitos professores(as) são considerados um material falho, enquanto para outros se posicionam de forma positiva pelo auxílio que os livros prestam no seu dia-a-dia complicado” (BITTENCOURT, 1998, p. 71). Para Andreia Cristina Rodrigues Trevisan e Ebersson Paulo Trevisan:



Neste sentido, podemos dizer que os livros didáticos não são de exclusiva responsabilidade de seus autores, sofrendo várias influências até chegar à escola. Ao vê-lo como mercadoria percebe-se que está sujeito à lógica de mercado, sendo, portanto, um objeto da indústria cultural, sujeito as adequações necessárias para aumentar as vendas, ou seja, para gerar mais rentabilidade. (TREVISAN; TREVISAN, 2017, p. 26)

Assim chegaremos ao nosso elemento procurado, encontrado nas imagens retiradas dos livros didáticos. Abordaremos a questão de gênero buscando entender como a produção dos estereótipos trazidos nas imagens dos livros didáticos podem propagar na produção ou na permanência do que já está exposto com papéis sociais entregues aos homens e mulheres. Essas produções/(re)produções podem acontecer de forma tão naturalizada que ficam difíceis de serem constatadas seu surgimento. Seus resultados na formação de estereótipos no ambiente escolar provocam diferenças em cenários diversos e são retratados nesses mesmos espaços, havendo a preocupação de rompimento no processo de práticas sociais tradicionais.

### ***Livro didático: recorte pela sua história***

Os livros didáticos estão presentes no ambiente escolar, passando pelas nossas mãos em algum momento, na condição de alunos ou de professores. Porém, sua origem é antiga e pouco



sabemos sua história, apesar da frequência com que é visto em nossas escolas. Sua existência parte do recorte temporal tão distante que para alguns autores atribuem ao livro com uma aceitação, respeito e aprendizagem comparado a bíblia. O fato é que o livro didático atravessa a história, desenvolvendo um importante papel, construindo em todos os que tem acesso a ele uma obediência e trazendo consigo a segurança do professor em seu manuseio como a única ferramenta ofertada na contribuição para o ensino, bem como o material de trabalho e suporte para os professores.

### ***Imagens e narrativas nos livros didáticos de matemática***

A expressão *imagensnarrativas* que usaremos nesse estudo refere-se a narrativa trazida na ilustração que está para além do que vemos. As histórias apresentadas nas imagens podem ultrapassar o que é visto escondendo a narrativa de luta em busca da inclusão das identidades de gêneros ou reforçando o exposto e aceitável estereótipos existentes. Buscando entender os efeitos que as narrativas trazidas nessas imagens que falam por si só, nos questionamos: A sociedade é produto da imagem? Pensando assim, as imagens exercem grandes influências na fabricação da sociedade. Essa procura moldar-se à medida que acessam ilustrações e procuram viver baseada nas representações aceitáveis e controladoras. Porém se o contrário for pensado: As sociedades são construtoras de imagens? Para esse caso diríamos que as ilustrações transmitem o social, refletindo o que vivemos, sentimos e pensamos. Nas suas representações são traçados gestos, hábitos e procedimentos que conversam com as rotinas atuais trazidas pelas sociedades.

Conota mais do que denota instrumentações a ela interposta por discursos que a refletem como apreensão, como compreensão e como polifonia de sentidos, ligados a um corte espaço temporal específico, mas também a subjetividades que vão além ou aquém deste recorte. Politiza a paisagem, tornando-a discursiva através da politização, no sentido humano do agir. Torna-a possível de ser paisagem enquanto caráter simbólico que remete a valores sociais e subjetivos específicos. (KOURY, 1999, p.60)

As imagens carregam valores sociais impostos por uma sociedade regulada pela política e pela religião, buscando sufocar vidas que ultrapassam uma fronteira normatizadora. Discursos que se distanciam dessas imagens reguladoras e trazem realidades vividas nas sociedades auxiliam na força, luta e inclusão. Essas *imagensnarrativas* potencializam de acordo com seus interesses o reforço ou o olhar crítico necessário para uma transformação, que no nosso estudo



parte dos livros didáticos de matemática. O passo necessário para o entendimento da questão de gênero nas escolas, passa pela escuta as narrativas dos professores que atuam nesse espaço. “constantemente temos usado o expediente das narrativas, tanto em situações de pesquisa como de ensino e observado os processos vividos pelos envolvidos.” (CUNHA, 1997, p.2). Buscaremos compartilhar narrativas e reflexões de professores que muitas das vezes lidam com essa temática, sentindo sozinhos em uma época que falar sobre assuntos como gênero são criminalizados e reprimidos. As discussões sobre gênero na escola vêm aumentando, mas paralelo a esse crescimento observa também movimentos conservadores que buscam silenciar aqueles e aquelas que fogem à norma cis heterossexual e colocam para os espaços sociais, a presença que incomoda. Para Freitas, Morais e Baião (2020) “o silenciamento e busca por invisibilização desses sujeitos traz implicações sociais graves. Uma delas é o aprofundamento da discriminação e da violência contra aqueles e aquelas que se colocam como dissidentes”. As *imagensnarrativas* para os corpos que estamos estudando invisível pelas imagens e presentes nos ambientes escolares, marginalizados e colocados na periferia das identidades de gêneros e sexualidades, expõe a resistência pela visibilização e aceitação.

Para esses corpos considerados insurgentes, narrar o vivido, relatar as experiências atravessadas pela sexualidade e pelo gênero, resistir às pressões institucionais, fazer-se presente nestes espaços (de)marcam os lugares e os não lugares para as suas existências onde a diferença tenta ser silenciada e invisibilizada [...] (CORDEIRO,2021, p.6)

As narrativas vindas dos professores, nascem do olhar que a profissão docente na rotina escolar deparada com o público diversos de alunos e somada pela sua trajetória vivida nesse caminho que leva para as margens periféricas das identidades por serem ou não corpos invisíveis comporá nosso estudo.

### ***Cumpriremos as expectativas a nós desejadas?***

Iniciaremos fazendo o exercício dos sonhos depositados por um casal, ou uma mulher grávida, criando expectativas para o descobrimento do sexo da criança. Todos os preparativos são interessados ao feto, que para os pais já é um menino ou menina. As consultas em breve mostrarão terminado com a curiosidade revelada pelo médico o sexo da criança. Ao nascer essa criança encontra um mundo, ainda que pequeno, repleto de signos que contribuem para desde essa idade o sentenciamento de ser uma criança home ou mulher. Cercado de bolas, carrinhos e



cores azuis o então bebê é conferido para ele uma vida que vem através de gerações o uso dessas cores e objetos destinados ao sexo masculino. Para a menina também não é diferente a cor rosa, bonecas, pelúcias, panelinhas... tudo remete ao cuidado que desde nova aprende para usar na sua vida adulta. Essas crianças estão sendo preparadas para um futuro construído desde o seu nascimento, pensado pelos pais, imposto pelo biológico.

Quando se diz “é um menino!”, não se está descrevendo um menino, mas criando um conjunto de expectativas para aquele corpo que será construído como “menino”. O ato da linguagem, nessa perspectiva, não é uma representação da realidade, mas uma interpretação construtora de significados. (BENTO, 2011, p. 551)

Esse controle é reforçado pelas instituições familiares, políticas e religiosas que reforçam falas do tipo? “Menino não chora!”, “Meninas não brincas com esses brinquedos”, “Essa cor não é de menino/a”, assim a heterossexualidade prevalece no mundo das sexualidades e produzem os gêneros masculinos e femininos. O corpo mostra o sexo e o gênero ganha vida em um olhar biológico. Corpos que escapam de amarrações biológicas e se encontram no social, são julgados pelas instituições e colocados as margens, denominas anormais e aberrações que para (BUTLER, 1998) “explicitam o caráter excludente da categoria “humano” das pessoas que reconstroem suas posições identitárias transitando e, portanto, negando a precedência explicativa do biológico”. Nesse sentido já deparamos dentro e fora da escola com tratamentos dados aos corpos que extrapolam o normativo no uso de palavras pejorativas que indicam uma descaracterização com intenção de inferiorização, onde esses sujeitos “ridicularizados” rebatem procurando o enquadramento a norma regulada pela heterossexualidade. Cabem a esses corpos desnaturalizados e afrontosos, que romperam o natural, ser objeto de uma política que objetiva uma invisibilização através da domesticação imposta por instituições estruturada pela heterossexualidade.

### ***Expectativas lançadas***

No universo da palavra gênero, essa tem sua aparição com as feministas americanas que tinham como visão dar luz ao caráter vindo do social as distinções do sexo. Em seu estudo de análise histórica Joan Scott, traz como era indicado esse termo: “ênfatizava igualmente o aspecto relacional das definições normativas da feminilidade”. (SCOTT,2017). Dessa maneira os estudos relacionados as mulheres eram separadas dos homens não havendo uma compreensão entre



grupos que levassem ao entendimento do seu funcionamento dentro de uma sociedade que buscasse transformá-la. Avançando para o estudo onde contempla o masculino e feminino (DAVIS,1975) "Penso que deveríamos nos interessar pela história tanto dos homens como das mulheres, e que não deveríamos tratar somente do sexo sujeito, assim como um historiador de classe não pode fixar seu olhar apenas sobre os camponeses". Para nosso entendimento o termo adquire um alargamento onde o sinônimo de gênero não é apenas mulheres. Percebido que o termo gênero para nosso estudo inclui a presença de sexos vindo do social, e trazendo para contextos mais próximos da nossa realidade e atualidade, deparamos ainda com uma invisibilidade de mulheres que vem desse percurso histórico até o momento, mesmo sabendo da sua participação em grandes eventos sociais, econômicos e políticos.

### ***Discussões de gênero na escola***

Essa política de excluir o diferente, buscando propagar o aceitável, o permitido, vindo de uma história baseada em ensinamentos estabelecidos pela igreja e seguida pela grande maioria, absorvendo os ensinamentos e os praticando, reproduzindo para seus próximos as representações que delimitam os gêneros masculinos e femininos. Imaginemos por um instante, quantas pessoas deixam de viver suas vidas das formas que querem, pelo simples fato de ter que pertencer a um mundo dividido em polos, contendo o polo masculino e o outro polo feminino. Qualquer indivíduo que não se sinta pertencido nos extremos, poderá viver uma vida, em que busca a aceitação dos outros, procurando viver as regras ditadas por esses extremos. Ou seja, qualquer comportamento, onde um menino ou menina não corresponda ao que foi considerado aceitável, precisará aprender a conviver com a discriminação, o preconceito, a intolerância, pois seu gênero não é uma maioria. As questões de gênero perpassam todas as esferas da sociedade e desta forma chegam à escola. Para (CORDEIRO,2021) "A escola homogeneiza os corpos e por essa ação é uma das instituições que mais produzem e reproduzem as discriminações e preconceitos contra a diferença". Esse ambiente que lida bem, apenas com seus semelhantes e encontra dificuldades em trabalhar com pessoas que ultrapassa a fronteira da normatização rompendo essa, em busca de se assumirem e de aceitação. A escola precisa de oferecer ajuda, produzir discursos que busca a defesa e o entendimento das diferenças e desigualdades. Percebe-se nesse ambiente o domínio do gênero que carrega outros "qualidades" que os colocam na parte superior de uma pirâmide de hierárquica. Trata-se de homens, brancos, heterossexuais e pertencentes a um poder econômico, onde quem não enquadra nesse perfil, se afasta dos direitos



e oportunidades. Um importante ponto necessário para trazer nesse estudo é o regime heterossexualidade compulsória presente na escola. A escola como extensão da sociedade espera que indivíduos proceda de acordo com a norma, ou seja, que exerçam a heterossexualidade. Mas para que a norma seja cumprida usam de valores para que pessoas homossexuais se passem por heterossexuais, forçando-se a ser atravessados por um sentimento de que a pessoa precisa de exercer uma sexualidade heterossexual, porque essa é a correta. A heterossexualidade compulsória atinge as lésbicas e mulheres. Para esse gênero que traz o conformismo que a heterossexualidade é a forma correta do prazer, é potencializada por uma sociedade tradicional abraçada no o conservadorismo imposto pela política.

### ***Livro didático e as representações de gênero***

Os sexos masculinos e femininos sejam representados nos mais diversos cenários com igualdade, inclusão e respeito. Para isso e nesse aspecto, queremos ter o livro didático como aliado, usado no ambiente escolar onde buscaremos contribuir para que a representação do gênero seja um forma de alterar o que está exposto trazendo representatividade conforme (BORBA, 2009) “contribuem com esta construção, culturalmente influenciando na formação e transformação da identidade dos educandos” não sendo mais permitido os interesses que não rompem as fronteiras na normatização, reforçando pelo autor (OLIVEIRA,1984), “o livro didático é um meio a serviço de um processo geral de transmissão de modos de pensar e agir, modos esses que expressam objetivamente a visão de mundo de um grupo ou de uma classe” percebendo que ao usarmos e analisarmos o livro didático de matemática no tocante as questões levantadas, torna-se uma forma de incorporar ao cotidiano educacional a reflexão quanto às temáticas, de forma a instigar um olhar crítico em relação a estas questões. A representação heterossexual trazida nos livros e usados nas escolas evidencia uma sociedade masculinizada em que os homens/meninos ocupam um lugar de poder, enquanto mulheres/meninas ficam inferiorizadas ficando claro no estudo trazido pelos pesquisadores ao analisarem obras de matemática usados no nosso País no que diz respeito as profissões do sexo masculino. Podemos então assim pensar que os estereótipos são trazidos, representados e reforçados pelos livros didáticos? Mas não seria esses artefatos, aliado aos professores e escola, os responsáveis (não somete esses) a mitigar essa representação presente e espelhada da sociedade? Acreditamos que os livros possuem essa função, mas também reforçam o que está naturalizado.



## PERCURSO METODOLÓGICO

É uma pesquisa qualitativa, formada por um grupo de participantes compostos por cinco professores de matemática, que estejam atuando no Ensino Fundamental – anos finais em escolas da região metropolitana de Vitória/ES. Assim pensando, optou-se por professores de matemática que se assumam gays. Tais participantes serão inicialmente convidados, podendo responder livremente se aceita ou não dialogar sobre o tema da pesquisa. Evidenciaremos nesse momento os objetivos da pesquisa, a forma que esta será conduzida e como será sua participação. A opção por professor gay, deu-se pelo fato desses profissionais também terem uma vivência marcada pelo preconceito, impactadas pelos estereótipos de gênero presentes na sociedade hodierna. Poderíamos optar por um grupo de professoras, no entanto, o lugar de fala pesou nesse momento. A produção de dados dará de três formas distintas: as entrevistas com os participantes, observação e análise das imagens dos livros didáticos de matemática e a método de análise dos dados dar-se-á utilizando-se a técnica da triangulação que tem por objetivo básico abranger a máxima amplitude na descrição, explicação e compreensão do foco em estudo.

## PRODUTO EDUCACIONAL

A materialização do produto educacional, será feita conforme sugestões dos participantes da pesquisa, em um formato que o melhor atenda, podendo ser um e-book, guia didático, uma mostra de imagens, uma proposta de roteiro para uso de imagens, de forma que o material possa contribuir na compreensão dos alunos e professores, na questão de gênero, na busca por uma inclusão. Ainda sobre a materialização estamos pensando em envolver a tecnologia, no intuito de inovar e trazer novas formas de material.

## REFERÊNCIAS

BENTO, B. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. *Revista Estudos Feministas*, v. 19, n. 2, p. 549–559, maio 2011.

BITTENCOURT, C. Livros didáticos entre textos e imagens. In: BITTENCOURT, C. (org). **O saber histórico na sala de aula**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 1998

BORBA, J. A. Livro Didático: um aliado a imposição social de gênero. **X encontro gaúcho de Educação Matemática**. Ijuí, RS. 2009.

BUTLER, J. “Gênero, trajetórias e perspectivas”. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 11, p. 11- 42, 1998.



CORDEIRO, J. P et al.. Corpos-territórios lgbt+ na docência da educação básica da Bahia: imagens, narrativas e (re)existências. **Anais V Desfazendo Gênero...** Campina Grande: Realize Editora, 2021.

CUNHA, M. I. Conta-me agora!: As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. **Rev. Fac. Educ. São Paulo**, v. 23, n. 1-2, jan. 1997.

CURIEL, O. Um diálogo decolonial na colonial cidade de Cachoeira/BA. [Entrevista concedida a] Analba Brazão Teixeira, Ariana Mara da Silva, Ângela Figueiredo, <https://portalseer.ufba.br/index.php/cadgendiv>, Vol 3. N. 04, p. 111)

DAVIS, N.Z "Women's History in Transition: The European Case", *Feminist Studies* (1975-76) 3:90.

D'AMBROSIO, U. **Educação matemática**: da teoria à prática. Campinas, SP: Papirus, 1996.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós- estruturalista. Petrópolis, RJ, Vozes, 2020.

MANSUR, D. R.; ALTOÉ, R. O. **Planilha Buscad**. 2021

MORAIS, J. F. S.; BAIÃO, J. C.; FREITAS, C. J. Questões de gênero e sexualidade na escola: narrativas docentes. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 13, n. 32, p. 1-15, 4 mar. 2020.

OLIVEIRA, J. J.; BATISTA, B; ARAÚJO. A. et al. **A política do livro didático**. Campinas: UNICAMP, 1984.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, [S. l.], v. 20, n. 2, 2017.

TREVISAN, A. C. R.; TREVISAN, E. P. O livro didático de matemática: entre imagens e discursos. *Póiesis Pedagógica*, Goiânia, v. 15, n. 1, p. 27–50, 2018.

KOURY, M, G, P. Imagem e narrativa – ou, existe um discurso da imagem? **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 5, n. 12, p. 59-68, dez. 1999

